

Regendo emoções: a jornada de um maestro autista na música de concerto

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL EM CONTEXTOS DIVERSOS

Fellipe Rafael Carnauba Teixeira
Faculdade de Música do Espírito Santo
fellipe.teixeira@fames.es.gov.br

Resumo. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ganhado destaque devido a novas descobertas científicas e ao engajamento acadêmico. A incidência global do TEA tem aumentado, impulsionando estudos em diferentes regiões. Influenciadores com TEA nas redes sociais têm papel relevante na conscientização sobre o transtorno. O TEA é caracterizado por prejuízos na comunicação social recíproca e padrões restritos e repetitivos de comportamento. O diagnóstico é feito por profissionais qualificados, e a condição varia em gravidade, sendo classificada em níveis de suporte. A música tem se mostrado valiosa para expressão emocional e desenvolvimento social de indivíduos com TEA. Ela facilita a comunicação e interação social, oferecendo uma forma única de conexão emocional. Regentes com TEA enfrentam desafios na comunicação, relações sociais e no ambiente profissional. Ambientes inclusivos e apoio profissional são fundamentais para promover o bem-estar e o desenvolvimento desses indivíduos. É essencial que instituições compreendam e respeitem as particularidades de cada pessoa com TEA. Em conclusão, a música desempenha um papel significativo na vida de indivíduos com TEA, proporcionando oportunidades de crescimento e conexão emocional. O suporte profissional e a criação de ambientes acolhedores são essenciais para explorar o potencial da música em suas vidas.

Palavras-chave. Transtorno do Espectro Autista (TEA), Música, Inclusão, Comunicação, Regência

Title. Conducting Emotions: The Journey of an Autistic Maestro in Concert Music

Abstract. Autism Spectrum Disorder (ASD) has been gaining prominence due to new scientific discoveries and academic engagement. The global incidence of ASD has been on the rise, driving studies in various regions. Influencers with ASD on social media play a relevant role in raising awareness about the disorder. ASD is characterized by impairments in reciprocal social communication and restricted and repetitive patterns of behavior. Diagnosis is conducted by qualified professionals, and the condition varies in severity, classified into support levels. Music has proven valuable for emotional expression and social development in individuals with ASD. It facilitates communication and social interaction, offering a unique form of emotional connection. Conductors with ASD face challenges in communication, social relationships, and the professional environment. Inclusive environments and professional support are fundamental to promoting the well-being and development of these individuals. It is essential that institutions understand and respect the particularities of each person with ASD. In conclusion, music plays a significant role in the lives of individuals with ASD, providing opportunities for growth and emotional connection. Professional support and the creation of welcoming environments are essential to explore the potential of music in their lives.

Keywords. Autism Spectrum Disorder (ASD), Music, Inclusion, Communication, Conducting.

Introdução

As informações relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm conquistado um espaço cada vez maior na atualidade. Esse crescente interesse pode ser justificado tanto pelas novas descobertas científicas quanto pelo maior envolvimento da

comunidade acadêmica em conduzir pesquisas, resultando em uma ampla disseminação de informações para a população. Além disso, é importante destacar o impacto positivo exercido por influenciadores com TEA nas redes sociais, que contribuem para a conscientização e compreensão do transtorno por parte dos usuários dessas plataformas.

Confirmando o proposto, pesquisas recentes têm trazido à tona questões relacionadas ao aumento da incidência de casos de TEA no mundo. Neste sentido, Salgado *et al.* (2022) faz uma revisão sistemática de trabalhos acadêmicos que indicam o aumento de casos sob diferentes perspectivas:

Quanto ao aumento das taxas de diagnóstico, os autores, Málaga *et al.* (2019) apresentaram dados dos Estados Unidos da América (EUA), da Europa (EU) e da Espanha (ES) de forma distinta e em todos evidenciou-se um aumento considerável. Nos EUA, ainda que existam discrepâncias relacionadas à localização, ao sexo e à etnia, os dados apontaram um aumento de 150%, já na EU, os dados mesmo que heterogêneos e com múltiplas metodologias, apresentam uma taxa de incidência de TEA na Noruega (1/144 crianças de 10 anos e 1/125 crianças de 11 anos), Itália (1/87), Holanda (1/44, na região de Eindhoven) e em Portugal (nas regiões de Açores 1/641 e Algarve 1/4176). De acordo com o estudo, as crianças residentes nos Açores possuíam 7 vezes mais probabilidade de serem diagnosticadas com TEA do que as do Algarve. Na ES, os índices mais altos de prevalência foram encontrados em Tarragona (15,5/1000) e o mais baixo apresentou-se em Cádiz (0,2/1000). (MÁLAGA *at al.* 2019, *apud* SALGADO *et al.* 2022, p. 8 - 9)

De acordo com Buzinski e Galvão (2023), a preocupação com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem crescido significativamente nas últimas décadas, especialmente devido ao aumento expressivo nos casos diagnosticados, como sugerido por Fombonne (2003). Embora não haja uma estimativa epidemiológica oficial no Brasil (BRASIL, 2013), o número de brasileiros com diagnóstico de TEA também tem aumentado, seguindo a tendência mundial, impulsionado em parte pelo maior acesso às informações sobre o transtorno e às ferramentas de identificação precoce.

Na perspectiva crescente de conscientização sobre o aumento na incidência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e após passar por uma minuciosa avaliação neuropsicológica realizada por profissionais qualificados, recentemente recebi o diagnóstico de TEA de nível 1 de suporte. Esse novo entendimento tem suscitado reflexões profundas sobre a

interseção dessa condição com minha área de atuação profissional, que é a música de concerto, mais especificamente a regência. Neste texto, abordarei brevemente a contextualização da regência, sobre o Transtorno do Espectro Autista, a relação entre o autismo e a música, destacando a importância do fazer musical para indivíduos no Espectro, e compartilharei uma experiência pessoal, narrada de forma biográfica, sobre como as características do autismo impactaram e impactam minha atuação profissional.

Música e Regência: breve resumo

Historicamente, a figura do regente surge a partir da ampliação dos corpos musicais, o aumento da complexidade do repertório e a necessidade de uma figura que forneça orientações em tempo real, enquanto o grupo executa seu repertório, como uma alternativa de unificação conceitual musical. Se em algum momento da história o regente era apenas um dos vieses da atuação do compositor/ instrumentista, hoje o regente incorpora de maneira autônoma a figura de um *performer* independente. Bowen (2003), assevera que:

A história da regência não é uma progressão linear de momentos técnicos decisivos. A prática moderna de regência emerge lentamente ao longo de várias gerações, mas por meio de uma variedade de práticas diferentes em países, gêneros e locais distintos. Durante a primeira metade do século XIX, o ritmo sonoro, diferentes formas de liderança compartilhada e a direção do arco do violino ainda persistem, juntamente com experimentos sobre onde ficar, para onde olhar, o que segurar e, em geral, o que fazer para trazer ordem conforme os conjuntos musicais maiores enfrentam o desafio de tocar músicas cada vez mais complexas. (BOWEN, 2003, p. 93)

Assim, hoje o regente desempenha uma função independente de *performer* na direção de grupos musicais, sejam coros, bandas ou orquestras. Junto à performance, o regente moderno também atuará como líder e educador musical. Essa tridimensionalidade de sua função é indissociável, admitindo a prevalência de alguma característica sobre as outras a depender do contexto. Quando falamos na atuação do regente com grupos musicais amadores, podemos destacar, por exemplo:

Aprofundando o olhar nas dimensões do trabalho do regente, especialmente aquele(a) que trabalha em grupos amadores, torna-se possível destacar três funções básicas, resultado direto de sua atuação: 1. O performer, e com esse

termo é abrangido não só a performance em si, mas todo o processo de interpretação musical e questões adjacentes; 2. o líder, que exerce uma função determinante no desempenho do seu grupo, influenciando não só em como os musicistas se destacam musicalmente, mas também na organização do trabalho; e 3. o educador musical, entendendo que todo grupo amador é um ambiente de ensino aprendizagem, de descobertas e de vivências musicais. (xxx, 2022, p. 4 - 5)

Esta breve contextualização sobre a regência já pode nos trazer alguns questionamentos sobre a atuação de um regente com TEA e algumas das dificuldades que ele pode encontrar ao longo de sua atuação profissional. Mas o que é o Transtorno do Espectro Autista?

Definindo o Transtorno do Espectro Autista

A origem da palavra "autismo" remonta ao grego "*autós*", que significa "por si mesmo" (SILVA, 2022). A caracterização do autismo deu um grande passo em 1943, graças ao trabalho do psiquiatra Leo Kanner. Ele foi pioneiro ao diferenciar o autismo de comportamentos esquizofrênicos e o conceituou como "distúrbios autísticos do contato afetivo". Sua pesquisa analisou onze casos com patologias graves e condições singulares, observando incapacidades para estabelecer contato afetivo, comportamentos obsessivos, ecolalia e estereotípias (KANNER, 1943 *apud* FERNANDES *et al*, 2020, p. 1).

Desde então, inúmeras pesquisas foram conduzidas nas décadas seguintes, com o objetivo de aprimorar o diagnóstico dessa condição. Atualmente, a literatura médica define o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como um transtorno cerebral do neurodesenvolvimento que afeta a percepção do mundo pela pessoa que possui essa condição. É uma busca contínua por uma compreensão mais completa e precisa desse transtorno para proporcionar melhores condições de diagnóstico e tratamento. Segundo o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Ed.):

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e

limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente (p. 53)

A pessoa dentro do espectro autista enfrenta dificuldades na percepção e interação social, o que torna necessário o apoio de outras pessoas para que possam desfrutar plenamente de suas vidas. O DSM-5 divide os níveis de gravidade do autismo em três, cada um com suas próprias características distintas: “Nível 3 de suporte, exigindo apoio muito substancial; Nível 2 de suporte, exigindo apoio substancial; e Nível 1 de suporte, exigindo apoio” (DSM-5, p. 52).

É importante destacar que o TEA não apresenta uma característica única e exclusiva. Seu diagnóstico é resultado de uma série de avaliações realizadas por profissionais qualificados e, após o diagnóstico, é tratado por uma equipe multidisciplinar. O autismo também não se limita a estereotípias, mas abrange um conjunto de fatores, conforme mencionado anteriormente, que englobam todo um espectro. É relevante ressaltar que, de acordo com especialistas, o autismo é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento e não uma doença. Esse quadro se manifesta principalmente em crianças, especialmente do sexo masculino, e pode variar em termos de gravidade. Os principais aspectos afetados são a interação social, a comunicação, o comportamento e a ocorrência de estereotípias, podendo apresentar também quadros associados a esses sintomas (SILVA, 2022, p.13). Assim, cada pessoa dentro desse quadro apresentará suas próprias características predominantes.

Compreender essa diversidade e complexidade do transtorno é fundamental para garantir um suporte adequado e individualizado a cada indivíduo autista, respeitando suas particularidades e necessidades específicas. O trabalho conjunto de profissionais especializados e uma abordagem multidisciplinar são essenciais para promover o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas dentro do espectro autista.

Relações entre TEA e música

A relação entre música e autismo é um tema de grande importância, que tem sido amplamente explorado na literatura científica. Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente enfrentam dificuldades em se conectar com outras pessoas e com o

ambiente social ao seu redor, o que pode gerar sentimentos de isolamento, frustração e confusão. O autismo também está associado a dificuldades na percepção, expressão e comunicação de emoções. No entanto, estudos apontam que a música pode desempenhar um papel fundamental em apoiar essas pessoas e facilitar o desenvolvimento de habilidades sociais.

Greenberg *et al.* (2015) destacam que a música pode atuar como um meio único no qual indivíduos com TEA conseguem expressar emoções de maneira diferente das atividades cotidianas. A música pode funcionar como um canal de comunicação emocional, possibilitando uma maior conexão social e um senso de coesão grupal. Essa forma de expressão musical pode contribuir para mitigar os desafios de comunicação e interação social enfrentados por pessoas com TEA.

A música, portanto, pode atuar como um meio alternativo através do qual aqueles com TEA podem comunicar ideias e emoções. Dessa forma, por meio da música, pessoas com autismo podem se perceber e perceber o mundo ao seu redor de maneira diferente daquilo que estão acostumadas normalmente. Após a prática em atividades musicais em grupo, essas experiências podem ser potencialmente transferidas para atividades não musicais em suas vidas cotidianas. De fato, essa é a crença de muitos musicoterapeutas. Essas experiências podem não apenas melhorar as habilidades de comunicação, mas também aumentar a confiança e, através da expressão das emoções, levar a um maior senso de identidade.(p. 86).

Nascimento (2022) ressalta que a música apresenta elementos musicais regulares e previsíveis, como o pulso, que proporcionam uma experiência não ameaçadora ou aversiva para pessoas com TEA. Além disso, outros elementos musicais, como o contorno melódico e variações de timbre e articulação, permitem que essas pessoas transcendam comportamentos previsíveis e estereotipados, possibilitando uma experiência musical mais rica e flexível.

Assim, a música se mostra como uma ferramenta valiosa para apoiar o desenvolvimento social e emocional de indivíduos com autismo. Sua capacidade de permitir a expressão emocional, promover a interação social e melhorar habilidades de comunicação torna-a uma aliada importante na busca por uma maior inclusão e bem-estar para pessoas no

espectro autista. A partir dessas evidências, é possível compreender a relevância e os benefícios do fazer musical no contexto do autismo, proporcionando oportunidades significativas de conexão e expressão para essas pessoas.

Relato de experiência

O início dos estudos musicais

No dia 21 de abril de 2023, recebi o meu diagnóstico após um ano e meio de reflexão sobre fazer ou não a avaliação. Embora estivesse em acompanhamento psicoterapêutico desde 2018, somente em 2021, minha então psicóloga levantou a hipótese ao perceber que em algumas situações eu evitava olhar nos olhos dela e me incomodava com ruídos no consultório. Já haviam se passado 15 anos de relação com a música até essa suspeita em 2021. Antes disso, fui diagnosticado com Síndrome Depressiva Recorrente com sintomas psicóticos, depois com Fobia Social, até que os sintomas acumulados levaram meu psiquiatra a recomendar a neuro avaliação.

A música sempre esteve presente na minha família. Meu pai era maestro do coro e da banda de música da igreja que frequentávamos, e ouvir música era algo constante em minha casa. Desde a infância, eu participava dos ensaios. Curiosamente, minha entrada na música ocorreu por vontade própria, aos 13 anos, quando meu pai retomou a escolinha de música da igreja. Nesse momento, percebo a transição entre meu hiperfoco anterior, o desenho, e o atual, a música.

Apesar de meu pai ter me dado as noções iniciais de música, todo o resto eu desenvolvi sozinho, sem professor. Após aprender como colocar a boca no saxofone, passei a criar minhas próprias rotinas, escrever meus próprios exercícios e passar horas praticando, certo ou errado. Tocando em conjunto, sentia um incômodo avassalador quando alguém ao meu lado na banda da igreja tocava mal. Essa sensação me incomodava ao ponto de sentir dor diante de problemas de afinação e articulação. Não conseguia esconder minha expressão facial, tampouco sabia medir as palavras para expressar minha insatisfação. Consequentemente, isso gerou

antipatia por parte de muitos colegas e reforçou palavras que sempre fizeram parte do vocabulário daqueles que conviviam comigo: "você quer tudo do seu jeito", "só você está certo", "você precisa aprender a ser mais humilde", "essa sua arrogância não vai te levar a lugar nenhum". O pior era ouvir tais reprovações sem, no entanto, compreender por que eram dirigidas a mim.

Dificuldades no início do estudo de regência e Desafios Pessoais:

A primeira vez que eu fiz uma *masterclass*, o professor queria ver cada um regendo o piano antes para atribuir quem seria ativo ou ouvinte. Apesar de hoje entender que é algo normal e encarar assim, para o eu de 10 anos atrás aquilo era novidade, pois nunca tinha estado em uma *masterclass* de festival. Acredito que esta tenha sido uma das primeiras vezes que eu desregulei em alguma atividade musical. Lembro que eu fugi, literalmente, de fazer essa prova. Encontrei um lugar vazio e, sozinho, chorei bastante. Tive espasmos e até febre. O medo de ficar em pé na frente de uma classe inteira de estudantes de regência me julgando, além do professor, só em pensar nessa situação eu já sentia calafrios. Uma única pessoa teve a sensibilidade de perguntar se estava tudo bem, se eu precisava de algo.

Até pouco tempo atrás, esse dilema me incomodava profundamente: possuir conhecimento e habilidade, mas encontrar uma barreira intransponível na hora de expressá-los. Era como se algo dentro de mim travasse completamente. Uma batalha interna se desenrolava, com batimentos cardíacos acelerados, tremores, coração palpitante, sudorese e pensamentos acelerados, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Era uma mistura complexa de emoções, com medo de errar e ser alvo de ridicularização, receio de desapontar as pessoas, mesmo sabendo exatamente como realizar determinadas tarefas. O julgamento alheio também me atormentava.

Hoje, algumas coisas mudaram? Sim e não. Sim, porque o tempo passou, amadureci e adquiri muitas experiências, o que me permitiu entender melhor meus limites e capacidades. Porém, o medo de estar em situações públicas, como dar aulas ou até mesmo reger, ainda permanece. É verdade que a crença nos resultados finais me dá a força necessária para enfrentar o desafio de liderar uma orquestra ou banda. É nesse ponto que tudo se torna valioso.

No entanto, sei que ainda há um caminho a percorrer. Desejo superar esses receios que me aprisionam, encontrar a plena confiança em minhas habilidades e vencer as barreiras que me limitam. Acredito que, com determinação e talvez a ajuda de profissionais qualificados, poderei conquistar uma expressão mais livre e confiante. Cada passo que der rumo a esse objetivo valerá a pena, pois vislumbro um futuro em que poderei compartilhar meu conhecimento e paixão pela música de forma plena e sem amarras.

Desafios na Formação Acadêmica:

Ao longo do tempo, sempre procurei evitar ao máximo qualquer situação que me colocasse no centro das atenções, o que é curioso, considerando que acabei escolhendo uma carreira que demanda justamente esse aspecto. Admirava profundamente aqueles que não se importavam em assumir a liderança, enfrentar aulas e, naturalmente, cometer erros e acertos no processo. Para mim, errar era algo inconcebível. Sentia uma pressão interna, como se não tivesse o direito de cometer falhas, e tudo o que fizesse deveria ser impecável. Não fazia ideia de que essa busca implacável pela perfeição pudesse ser um sintoma de algo maior.

Além de estar no espectro autista, enfrento um grau leve de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que em algumas situações me fizeram desconcentrar do concerto, por exemplo, situação que é acentuada graças a hipersensibilidade auditiva. Recordo-me de uma ocasião em que interrompi uma apresentação porque pessoas conversavam na coxia do teatro, e a música simplesmente não conseguia encontrar espaço em minha mente. Durante ensaios, a presença de conversas paralelas, por mais insignificantes que parecessem, me desestabiliza. A dificuldade de concentração era evidente quando alguém conversava no grupo que eu estava regendo ou nas proximidades. Até mesmo em um concerto enquanto expectador, não conseguia evitar uma profunda irritação caso alguém ao meu lado cochichasse. Tenho me esforçado pacientemente para aprender a lidar com essa sensibilidade.

O ano de 2019, sem dúvida, representou o período mais desafiador para mim. Foi quando ingressei em uma das mais prestigiadas academias de música da América Latina, e certamente a mais relevante do Brasil. Inicialmente, enfrentei um choque cultural ao me deparar

com um ambiente completamente diferente de tudo o que já havia experimentado. O rigor profissional, em parte, proporcionava um certo conforto, pois era a primeira vez que presenciava horários sendo estritamente cumpridos. No entanto, essa mesma instituição impunha um "padrão" aos alunos, tornando inadmissível qualquer erro, o que só reforçava minha rigidez pessoal e autocobrança excessiva. Ademais, não se tratava propriamente de um ambiente educacional, mas sim um espaço voltado para a formação em *performance*, no qual os instrutores, em sua maioria, eram músicos provenientes de conservatórios, sem familiaridade com a licenciatura ou outras abordagens mais humanizadas.

O que verdadeiramente me inquietava era a incapacidade de desempenhar com excelência aquilo que eu sabia fazer de melhor: reger. Por mais que eu estudasse e me empenhasse, não conseguia fazê-lo de forma satisfatória quando tinha alguém me avaliando. Nesses momentos, os sons dos instrumentos cediam espaço para uma turbulência interna nos meus pensamentos, e tudo se misturava, deixando-me confuso e sem saber o que estava acontecendo, sem, no entanto, poder demonstrar meu incômodo. Essa tensão também se manifestava fisicamente, resultando em uma expressão facial constantemente séria e fechada e postura tensionada. Levei bastante tempo para superar essa situação, e ainda há alguns gatilhos que me fazem parecer tenso caso alguém mencione isso.

Relações traumáticas

Em 2015, passei dois meses em Portugal para fazer aulas de regência, uma experiência que se revelou traumática e difícil de falar sobre até agora. O ambiente novo, com pessoas e cultura desconhecidas, foi especialmente desafiador para alguém no espectro autista, que tende a lidar com rigidez cognitiva e desconforto diante de novidades. Além disso, essa foi a primeira vez que tive um professor particular para regência, e não estava familiarizado com a expectativa do ensino conservatorial europeu. Isso resultou em uma série de dificuldades, exacerbadas por uma metodologia de ensino abusiva que expunha minhas carências teóricas de forma dolorosa. As aulas diárias tornaram-se insuportáveis, ao ponto de enfrentar sintomas

físicos e emocionais intensos. O retorno ao Brasil também foi difícil, e levei um tempo considerável para superar os traumas causados por essa experiência. Sentia-me criticado constantemente e acreditava que todos os músicos compartilhavam a mesma postura agressiva do professor. O processo me afetou profundamente, levando-me a enfrentar uma batalha interna sempre que regia, o que prejudicava minha performance e me deixava ansioso.

Desafios na Comunicação e Relações Sociais:

Até hoje é difícil pensar nessas situações aqui narradas sem evocar sentimentos pesados. Eu sentia como se realmente não fazia parte de nada que empenhasse, considerei até parar de reger. Poucos professores me acalmaram, ou criaram um ambiente tranquilo para o fazer musical. Era sempre bastante competitivo, mas na maioria das vezes era eu contra eu mesmo. As situações de precisar interagir com professores, colegas, estar presente em ensaios, concertos e pós concertos, me demandava uma energia enorme. Eu não gosto de interagir com estranhos, puxar assunto, promover um diálogo, mas era necessário fazer o tão falado *network*. Era a hora de ignorar os próprios sentimentos e vestir uma máscara, ser uma pessoa “normal”. O que eu não entendia é que eu não era normal, mas me forçava a ser. Se eu fosse como eu sou, seria tachado de “estranho”. Foi assim que fui aprendendo a enfrentar meus medos de, por exemplo, me relacionar com os músicos durante ensaios: usando o *masking*.

Ficou normal na minha vida a expressão “você é diferente quando rege”. Reger envolve uma preparação psicológica sobre aquela situação. Eu tento colocar de lado qualquer emoção negativa e fingir que estou confortável, fingir que me importo, fingir ser comunicativo e compreensivo. Na verdade eu só quero fazer música. Estudar situações, adaptar a linguagem, ensaiar as expressões faciais no espelho. Voltar pra casa arrasado depois de uma aula, por ter passado horas fingindo ser algo que eu não era.

Lidando com Pressão e Desafios na Regência:

Possuo uma intensa dificuldade em me relacionar socialmente, assentando-se basicamente em dois pontos: 1. Conseguir me expressar, na melhor definição da palavra, sobre qualquer coisa; e 2. Quando consigo, que não seja entendido como grosseria. Prezo bastante

por uma comunicação objetiva, mas com o tempo entendi que às vezes, pelo tom de voz e expressão facial, posso ser mal entendido. Lembro que quando ouvia alguma gravação minha conversando algo, me assustava porque achava muito assertivo. Na minha cabeça não soava assim, era natural.

Acredito que sobre este ponto, foi fundamental eu ter iniciado a estudar regência pela regência coral, e não pela orquestral. Lidar com coro exige uma delicadeza e cuidado os quais eu não era habituado. As palavras precisam ser cuidadosamente medidas, a forma de olhar, de reger, tudo isso interfere nas relações internas e, conseqüentemente, com o som do grupo. Acredito que a partir deste ponto comecei a me observar com mais cuidado, a treinar mais o jeito de me expressar, unindo ao fato de ser licenciado e ter tido contato na faculdade com uma visão de mundo mais humana. Como nunca consegui entender muito bem as relações sociais, em um determinado momento da vida que fiz outro curso universitário, eu me detinha bastante em leituras de técnicas de convencimento de júri e comunicação ativa.

Dessa maneira, minha abordagem com qualquer grupo musical é baseado em esquemas técnicos que eu desenvolvi para uma boa comunicação. Sorrir quando caminho em direção ao pódio, cumprimentar o grupo com um leve sorriso, dizer “espero que estejam bem”. Indicar objetivamente onde ensaiaremos. Quando parar, sempre agradecer, apontar o erro, corrigir o erro, agradecer novamente e pedir para repetir. Quando acabar o ensaio, agradecer de novo pelo ensaio e se despedir. Ouvir pacientemente o que alguém tenha a dizer, mesmo que isso não me interesse. Tentar contornar situações desconfortáveis. Sempre que falar, buscar compor uma narrativa com introdução, desenvolvimento e conclusão. Mesmo assim, mesmo diante de tanto cuidado, algumas vezes não dou conta da pressão por conta de fatores externos que podem me levar até próximo de desregular.

Conclusão

A relação entre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e música tem sido objeto de estudo e reflexão ao longo dos anos, e os avanços nessa área têm trazido uma compreensão mais profunda dos benefícios da música para indivíduos no espectro autista. A música oferece uma

forma única de expressão emocional, permitindo que pessoas com TEA se conectem e comuniquem de maneira diferente daquilo que é possível nas atividades cotidianas. Além disso, a prática musical pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, melhorando a interação e a comunicação dessas pessoas.

No entanto, os desafios enfrentados por um regente, assim como qualquer outro profissional com TEA, são reais e complexos. Desde o início dos estudos musicais até a formação acadêmica, a comunicação e as relações sociais, a pressão da atuação profissional, entre outros aspectos, podem representar obstáculos significativos.

Nesse contexto, é fundamental destacar a importância de uma abordagem mais inclusiva e acolhedora nas instituições musicais e educacionais, promovendo ambientes que compreendam e respeitem as particularidades de cada indivíduo. Professores, colegas e instituições de ensino podem desempenhar um papel essencial no apoio e no desenvolvimento profissional de regentes com TEA, proporcionando espaços seguros para a expressão, a aprendizagem e o crescimento.

Este relato de experiência busca destacar a importância da empatia, da sensibilidade e do respeito ao lidar com as diferenças individuais. Cada pessoa é única e traz consigo habilidades e desafios específicos, e cabe à sociedade criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento pleno e a participação ativa de todas as pessoas, independentemente de suas condições.

Referências

American Psychiatric Association (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOWEN, José Antonio. (ed.). The Cambridge Companion to Conducting. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BUSZINSKI, Camila Lara Linhares; GALVÃO, Luciana Georgetti Albuquerque. Atuação da psicologia no Transtorno do Espectro do Autismo. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas do FAIT, 2023.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. *Psicologia USP*, v. 31, 2020.

GREENBERG, David M.; RENTFROW, Peter J.; BARON-COHEN, Simon. Can Music Increase Empathy? Interpreting Musical Experience Through The Empathizing–Systemizing (E-S) Theory: Implications For Autism. *Empirical Musicology Review*, Vol. 10, No. 1, 2015.

NASCIMENTO, Regina Denise Silva do. A música como recurso facilitador da inclusão escolar de crianças com autismo. *Nova Revista Amazônica - Volume X - Nº 03 - Dezembro 2022*.

SALGADO, N. D. M.; PANTOJA, J. C.; VIANA, R. P. F.; PEREIRA, R. G. V. Autism Spectrum Disorder in Children: A Systematic Review of the Increasing Incidence and Diagnosis. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 13, p. e512111335748, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.35748. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35748>. Acesso em: 29 jul. 2023.

xxxxxxx; GARBUIO, Rafael. O regente de grupo amador e as dimensões de sua(s) função(ões): caminhos entrelaçados entre performance, liderança e educação musical. Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, 2022.